

III Encontro Internacional de História sobre as Operações Bélicas da Guerra da Tríplice Aliança

Apresentação

Hildebrando Campestrini*

Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo Infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.¹

Exmo. Sr

Nobres ouvintes:

Quando reunidos para programar o III Encontro Internacional de Operações Bélicas da Guerra da Tríplice Aliança, o Instituto Histórico e Geográfico de

* Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. O referido evento teve o apoio do Comando Militar do Oeste. No dia 27 de outubro de 2011, os trabalhos envolveram palestras e comunicações. No dia seguinte, parte dos participantes deslocou-se até Nioaque, visitou o Cemitério dos Heróis e em seguida o Cemitério- Cambarecê. Ainda neste dia, foi visitada as cidades fronteiras de Jardim e Bela Vista. No dia 29, o grupo deslocou-se para a Fazenda Laguna e Trincheiras, depois, para o Rio Apa (Bela Vista), travessia do Apa e visita ao monumento de Nhandipá. A seguir, deslocou-se rumo a Colônia Militar dos Dourados (Antonio João) e depois Cerro Corá (Paraguai).

¹ SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. Campo Grande: IHGMS, 2006.

Mato Grosso do Sul abraçou, com amor e fé, a proposta, pois poderia, não só nas manifestações mas também na viagem que faremos a partir de amanhã, chamar a atenção dos participantes para os agentes e roteiros das manobras bélicas no território de Mato Grosso do Sul.

Agentes, porque é o homem que faz a história; e roteiros, porque esta história se realizou nos caminhos e veredas que palmilhamos.

É imperativo que conheçamos estes agentes – não para julgá-los, não para torná-los vilões ou heróis; é imperativo conhecê-los para entender as decisões que tomaram, colocando-nos no lugar deles, naquele momento e naquele cenário, nos seus arroubos e nas suas fraquezas; é imperativo que conheçamos também os roteiros, as ínvias estradas por onde aqueles homens buscaram seu destino, marcando-as com passos feitos e jamais desfeitos; estradas por onde passamos, sem notar que nelas foram semeados gritos de busca, lágrimas de esperança, esforços supremos de sobrevivência, ardentes desejos de paz, traições e solidariedade e – acima de tudo, a energia de tantos combatentes, brasileiros ou paraguaios, que, cada um, por seus ideais, espargiu naquela natureza pródiga – energia palpitante que ainda impregna e vivifica aquelas paragens.

Infelizmente, muitas vezes nossa percepção dos horrores da guerra é a de um filme épico, etéreo, absolutamente distante, que em nada nos comove, levado a cabo por seres que nos parecem extraterrestres. Da mesma forma, revivem-se os momentos com tiros de festim ou encenações improvisadas. Nada disto vale. Nada acrescenta. Não podemos transformar o número de baixas de uma batalha em fria estatística. Vale é saber quem combateu, quem lutou, quem sucumbiu e quem sobreviveu. Por isso, fez-se questão de trazer a esta sessão solene descendentes de brasileiros e paraguaios que estiveram nesses entreveros. Estão aqui a professora Deolinda Corbelino Melges, trineta do prestimoso Guia Lopes da Laguna; o sr. Iris de Moraes Sarmiento, trineto do legendário comandante guarani, major Urbietta; e sra. Marietinha Leão de Aquino Sobrinho, bisneta do general Câmara.

No trajeto da Retirada da Laguna, de Bela Vista ao porto do Canuto, uns duzentos e cinquenta quilômetros, num mês, pereceu um milhar de soldados (sem contar as baixas paraguaias). Se distribuíssemos uma para cada vítima, teríamos uma cruz a cada duzentos e cinquenta metros.

Vale aqui um parêntese. Transformamos a retirada da Laguna, de Bela Vista ao porto do Canuto, em essência das operações da Força Expedicionária de Mato Grosso, cometendo grave injustiça, porque não contemplamos, não estudamos a travessia do Pantanal, que, segundo Taunay, tem mais vítimas que a própria retirada.

É imperativo conhecer os agentes acima de tudo para entender por que assim procederam. E, desse entendimento, tirar lições altamente pedagógicas. A história tem que ser a mestra da vida. Assim como a ciência militar estuda a estratégia e a logística das batalhas para tirar conclusões para possíveis novas batalhas, a sociedade deve, precipuamente no ensino regular, estudar os fatos e tirar deles as conclusões que provoquem o aperfeiçoamento do cidadão, da convivência solidária entre as pessoas, entre os grupos e entre os povos. Infelizmente, estudamos história como estudamos a tabela periódica, os logaritmos ou os cossenos – ou seja – estudamos por estudar, porque alguém nos mandou estudar, porque alguém disse que algum dia poderíamos precisar daquelas operações – em verdade tudo sem importância para o cidadão.

Estudemos história para conhecer os equívocos e acertos de nossos antepassados, para aperfeiçoar a sociedade, para evitar tais equívocos e potencializar os acertos, preparando nossos jovens a fazer, nas encruzilhadas da vida, a melhor opção, até porque não podemos ensinar aos generais de hoje a vencer as guerras de ontem, porque não se repetirão. Este estudo é premente, pois a sociedade está mais violenta, mais explosiva; o radicalismo impera. O homem dá, às vezes, a impressão de que está voltando ao tempo das cavernas, ressurgindo, inteiriça, como escreveu Euclides da Cunha, nos Sertões, “a animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização. No lugar do machado de diorito e do arpão de osso – a espada e a carabina; no lugar do antigo punhal de sílex – a faca” de fio reluzente.

Quando é que vamos ensinar aos nossos alunos, nas palavras do Pe. Vieira, que “é a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todos as calamidades, em que não há mal algum

que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja próprio e seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o eclesiástico não tem segura a imunidade, o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus nos templos e nos sacrários não está seguro.”

Hoje, testemunhamos um crescente interesse pela história e pelo patrimônio cultural. Não encontrei, todavia, em qualquer artigo, ensaio, dissertações ou quejandos, a preocupação pedagógica: estuda-se para discutir; estuda-se para avaliar; estuda-se para dar ou tirar a razão; estuda-se para concordar; estuda-se para discordar. Meu bom Deus, quando é que vamos estudar história para aprender e aperfeiçoar a sociedade? Cícero, no *de Oratore*, já advertia que ignorar o que aconteceu antes de termos nascido equivale a ser sempre criança (*id est semper esse puerum*). O mesmo Cícero, na mesma obra, insiste: a história é mestra da vida. Se é mestra, tem que ensinar e nós temos que aprender.

Meu bom Deus, quando é que vamos estudar a alma das pessoas, seus anseios, seus ideais, enfim, seu caminhar, suas lágrimas e as lágrimas das coisas (*lacrimae rerum*, como escreveu Virgílio). História não é tribunal, não é rol de crimes ou catástrofes, acusada de ser escrita pelos vencedores, portanto suspeita. História é o retorno do passado, para catapultar o presente para o futuro. Nossa escola, como regra geral, é alienante. Não nos leva ao homem e a seus anseios. O aluno não pode falar, não pode reivindicar, tem que ser passivo, tem que ficar em silêncio, não pode colocar seus problemas e sucesso, enfim, a sua história; o aluno não é ouvido nos conflitos existenciais (na sua história), porque a aula é de matemática, é de geografia, é de não sei o quê. Escola é vida, é transpiração, é superação; é história, história de nossos professores e de nossos alunos. História é a busca da alma, alma sempre boa, sempre promissora, que nasceu para o bem. E nós a esquecemos, a isolamos, que não é problema nosso. Não é isto que a história ensina, quando nos mostra que na guerra e nos conflitos sociais não há vencedores nem vencidos: só há perdedores.

Que este encontro nos desperte para esta realidade. Para que nunca mais se repitam os desentendimentos entre povos vizinhos. E amanhã, ao percorrermos parte do roteiro da Retirada da Laguna, que o façamos em sagrado silêncio, porque este chão guarda zelosamente infinitas façanhas;

– o rio Miranda, o Mondego brasileiro, que não testemunhou, extático, os amores de D. Pedro e Inês de Castro, e sim a luta, o entrecocar das armas, exalta hoje, e exaltará sempre, num cântico já não entendido, o rosicler das esperanças daqueles moços que não retornaram ao pátrio torrão;

– na curva enganosa do rio Miranda, sob as águas claras, dormem, de soldados apressados, esquecidas ossadas; às suas margens repousam, em carícias com a glória, Guia Lopes, Camisão, Juvêncio (mesmo que trasladados) e numerosos combatentes anônimos;

– cada capão de mato esconde, na sua penumbra, histórias de ciladas, de fugas, de entreveros e sobressaltos;

– nas águas frias e calmas do rio Apa, em seu sepulcral silêncio, rolam segredos de soldados homens;

– no Cambaracê, ouvem-se, nas noites sem luar, o gemido dos coléricos, ali necessariamente abandonados à própria sorte;

– nos campos de extensas e secas macegas, ouvem-se as ordens firmes de Urbietta mandando incendiar aquela massa combustível;

– nos campos dilatados, sem fim, da ema fugidia, abrem-se as curiosas vergôntees em homenagem a Antônio João, impávido, alevantado nos confins da Pátria, na Colônia do Dourados, rio que cantará para sempre, no frisson de suas águas, a epopeia do tenente e de seus subordinados;

– as estrelas, ao passarem e repassarem por estas plagas, lembrarão e lembrarão os lamentos, os vivas, as ânsias daqueles soldados;

– e a lua, nas noites plácidas, nas campinas verdejantes, em catadupas de luar, entre os olores dos guavirais em flor, quebrando a argêntea mudez, contará aos ipês floridos as comoventes histórias que ouviu de soldados noivos, de soldados pais, de soldados filhos, de mães inanizadas; descreverá, emocionada, soldados doentes carregando feridos e desenganados, doando sua reduzidíssima ração a mulheres, a crianças, a moribundos; e apontará, em direções invisíveis, gritos rasgados no ar e gestos petrificados;

– os morros que vigiam o caudaloso Aquidauana jamais reviverão o momento em que, estupefactos, perplexos, tintos da cor do arenito, contemplaram, inertes, a chegada daquela horda de seminus e famintos, espectros de homens,

aos vivos e urros, cambaleando, como que saindo do inferno, erguendo bem alta, orgulhosos, a bandeira do Império, imaculada das mãos inimigas.

Quantos segredos oculta ainda e defende, para sempre, esta terra dadivosa. Por isso, devemos percorrê-la em sagrado silêncio.

Nada disto, contudo, valerá se amanhã não formos melhores, se não superarmos este estágio de sociedade explosiva.

O sonho do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, com este encontro, é exatamente provocar esta reflexão: o estudo da história só vale se a encararmos como realidade concreta, humana (tanto que a história dos animais pouco nos interessa); o estudo da história só vale se tiver resultados pedagógicos, o que só é possível estudando os agentes, atores e cenários das ocorrências ao longo dos anos; só vale, se potencializar o amor de cada um a sua terra, a seu rincão, a seu estado, a seu país, numa relação de profundo pertencimento e responsabilidade; só vale, se melhorar o relacionamento humano, tornando-nos mais tolerantes e solidários; só vale, se entendermos que o homem nasceu para ser bom e deve ser bom porque é de sua natureza, não porque sua religião ou outras imposições exigem.

Enganam-se os que pensam que a única preocupação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul é ser guardião de acervo ou curador de museu; o Instituto tem, acima de tudo, a vocação política de provocar reflexões e análises, para transformar o estudo da História, da Geografia, do Meio Ambiente, do Turismo, da Cultura em instrumento de crescimento humano, de aperfeiçoamento da sociedade, de solidariedade e cidadania.

Por isso, esta nossa pregação, em nome de todos os nossos associados.

* * *

Permitam-se, atentos ouvintes, que os convide a consultar o registro de batismos da igreja de Piumhi, Minas Gerais; abrindo-o encontramos: “Aos sete de maio de 1811 batizei e pus os santos óleos a José, párvulo nascido a vinte e seis de fevereiro, filho legítimo de Antônio Francisco Lopes e de Teotônia Joaquina de Souza, neto pela parte paterna, de Manoel Francisco Lopes, natural de Portugal, e de Joana da Costa Ribeiro, natural da freguesia de Itabira, e pela parte materna, de Joaquim de Souza Costa, natural de Itaverava e de Teotonia Maria das

Neves, natural de Curral Del Rei. Foram padrinhos Francisco de Paulo Machado e Maria Felícia de Jesus, solteiros, filhos do furriel Antonio Vicente Machado, todos desta freguesia. Para constar fiz este assento.”

Este párvulo José é o nosso José Francisco Lopes, o Guia Lopes da Laguna, que, daquela cidade, depois de alguns anos, acompanhando o irmão sertanista Joaquim Francisco Lopes no sertão dos Garcias, fixou-se na fazenda Jardim, devassando os campos do Apa e da Pedra de Cal, desbravador daquelas terras, que lhe recolheram o último suspiro, quando, colérico, caiu da cavalgada para não mais se erguer.

Assim, estamos comemorando neste ano – feliz coincidência com este III Encontro – o bicentenário de nascimento do Guia Lopes da Laguna, tão bem retratado pela incomparável pena de Taunay.

E bicentenário da República do Paraguai, que o Instituto comemorou em sessão solene.

Nobres e atentos ouvintes:

Ao agradecer-lhes a generosa atenção, desejo consignar aqui, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, nossos agradecimentos:

– ao Comando Militar do Oeste, que está sendo muito mais que parceiro nesta empreitada;

– aos institutos culturais do Exército Brasileiro, pelo incentivo e participação;

– a todos que aqui falaram, expondo suas análises e impressões; e, por fim,

– a todos os participantes, de vários Estados brasileiros e, principalmente aos que vieram da República do Paraguai e da República Argentina para abrilhantar e enriquecer este nosso Encontro, que deverá, necessariamente, assinalar caminhos para a nossa solidariedade;

– e, por derradeiro, a todos os que, com sua presença, prestigiam nosso evento.

Para rematar este chamamento, uma convocação: amemos nossa terra, amemos e cultuemos os que a defenderam, os que construíram os caminhos que hoje palmilhamos; pois, só assim, teremos esta relação de pertencimento a nossa

terra, a que certamente continuaremos ligados para sempre. Aí entenderemos as palavras de Ulisses Serra:

“Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo Infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.”

Sim, meus bondosos ouvintes, no chão que construímos e aperfeiçoamos, não morreremos de todo – Non omnis morriar (como escreveu Horácio), porque nossa incessante labuta pelo aperfeiçoamento de nossa sociedade, lição involvidável da História, labuta transformada em energia vivificante, permanecerá na alma dos cidadãos e das coisas, apontando, diuturnamente, o caminho da cidadania e da solidariedade.

Invocando a proteção de nossos associados que partiram, em particular de nosso fundador, Paulo Coelho Machado, e dos que, em nome da pátria, sucumbiram ao longo dos caminhos desta terra dadivosa, declaro encerrada esta sessão solene.